

Uma Voz Vinda de Uma Nuvem

(1969)

*Other Voices, Other Rooms*² (o título é meu, não é uma citação) foi publicado em Janeiro de 1948. Levou dois anos a escrever e não foi o meu primeiro, mas o meu segundo romance. O primeiro, um manuscrito jamais submetido ao escrutínio dos editores e que se perdeu, chamava-se *Summer Crossing (Travessia de Verão)* — uma história minimalista e objectiva passada em Nova Iorque. Nada má, segundo me lembro: tecnicamente bem conseguida, com um enredo suficientemente interessante, mas sem intensidade ou dor, sem as qualidades de visão subjectiva, sem as ansiedades que então controlavam as minhas emoções e imaginação. *Other Voices, Other Rooms* foi uma tentativa de exorcizar demónios: uma tentativa inconsciente e completamente intuitiva, uma vez que não me apercebi, a não ser relativamente a alguns incidentes e descrições, de que fosse grandemente autobiográfica. Ao reler agora o livro, julgo que essa auto-ilusão foi imperdoável.

Certamente que houve razões para essa ignorância empedernida, sem dúvida defensivas: uma cortina de fogo entre o escritor e a verdadeira fonte do seu material. Uma vez que perdi o contacto com o jovem atribulado que escreveu este livro, que apenas uma pálida sombra deste permanece ainda dentro de mim, é difícil reconstruir o seu estado de espírito. Contudo, vou tentar.

² Traduzido em português por João Cabral do Nascimento, com o título *Outras Terras, Outras Gentes*, Lisboa, Livros do Brasil, 1956. (N. T.)

Quando apareceu *Other Voices, Other Rooms*, os críticos, desde os mais entusiastas aos mais hostis, notaram que obviamente eu tinha grandes influências de artistas literários sulistas como Faulkner e Welty e McCullers, três escritores cujo trabalho conhecia bem e admirava. Todavia, esses senhores estavam enganados, ainda que isso seja compreensível. Os escritores americanos que para mim tinham sido mais importantes eram, numa ordem arbitrária, James, Twain, Poe, Cather, Hawthorne, Sarah Orne Jewett; e, na Europa, Flaubert, Jane Austen, Dickens, Proust, Tchekhov, Katherine Mansfield, E. M. Forster, Turgueniev, De Maupassant e Emily Brontë. Um elenco mais ou menos irrelevante para *Other Voices, Other Rooms*, visto que é evidente que nenhum destes escritores, com a possível exceção de Poe (que era então um difuso entusiasmo de infância, como Dickens e Twain), foi um antecedente necessário para esta obra em particular. Ou antes, *todos* o foram, no sentido em que cada um contribuíra para a minha inteligência literária, tal como se formara. Mas o verdadeiro progenitor foi o meu eu subterrâneo e complexo. O resultado foi uma revelação e um escape: o livro libertou-me e, como na sua profética frase final, aí parei e me voltei para ver o rapazinho que deixava atrás de mim.

Nasci em Nova Orleães, filho único; os meus pais divorciaram-se quando eu tinha quatro anos. Foi um divórcio complicado, com muito azedume de ambos os lados, que é a principal razão de eu ter passado a minha infância deambulando pelas casas de parentes no Louisiana, no Mississípi e no Alabama rural (intermitentemente, matriculei-me em escolas em Nova Iorque e Connecticut). As leituras que fiz por minha conta foram mais importantes do que a educação oficial, que foi um desperdício e acabou quando eu tinha dezassete anos, idade em que me candidatei e fui aceite num emprego na revista *New Yorker*. Não era um grande emprego, porque aquilo em que realmente consistia era na selecção de *cartoons* e no recorte de jornais. Mesmo assim, tive sorte em consegui-lo, especialmente porque estava decidido a nunca pôr um pé estudioso na sala de aula de uma faculdade. Sentia que ou se era ou não se era escritor e que nenhuma combinação de professores podia influenciar tal desfecho. Ainda penso que tinha razão, pelo menos no meu caso; no

entanto, apercebo-me agora de que a maioria dos jovens escritores tem mais a ganhar do que a perder em ir para a faculdade, nem que seja porque os professores e os colegas constituem um público cativo para o seu trabalho; não há nada mais solitário do que ser-se um aspirante a artista sem nada que se assemelhe a um conselho de pessoas que avaliem a nossa obra.

Mantive-me na revista *New Yorker* durante dois anos e durante esse período publiquei uma série de contos em pequenas revistas literárias. (Apresentei vários deles aos meus patrões e nenhum foi aceite, ainda que uma vez um tenha sido devolvido com o seguinte comentário: «Muito bom. Mas romântico de um modo que não liga com esta revista.»). Além disso, escrevi *Summer Crossing*. Na verdade, foi para conseguir completar o livro que ganhei coragem, deixei o emprego, saí de Nova Iorque e fui viver com uns parentes, uma família que tinha uma plantação de algodão num sítio remoto do Alabama: campos de algodão, pastagens, pinhais, estradas de terra batida, vales e regatos morosos, gaios, mochos, abutres voltejando nos céus vazios, apitos de comboio ao longe e, a cinco milhas de distância, uma pequena cidade de província: a Noon City de *Other Voices, Other Rooms*.

Cheguei lá no início do Inverno, e o ambiente da espaçosa casa da quinta, completamente aquecida por fogões e lareiras, assentava lindamente a um romancista incipiente que queria isolar-se em tranquilidade. Lá em casa levantavam-se às quatro e meia, tomavam o pequeno-almoço à luz eléctrica e partiam para os seus afazeres quando o Sol despontava — deixando-me só e num pânico crescente. Porque cada vez mais *Summer Crossing* me parecia superficial, bem escrito mas fácil, sem sentimento. Uma outra linguagem, uma secreta geografia espiritual, fervilhava dentro de mim, apoderando-se das minhas horas de sono nocturnas, bem como dos meus sonhos despertos.

Numa gélida tarde de Dezembro, achei-me longe de casa, deambulando por uma mata ao longo das margens de um arroio misterioso, profundo, numa estrada que foi desembocar a um sítio chamado Hatter's Mill. O moinho, que atravessava o riacho, fora há muito abandonado; era um sítio onde os lavradores costumavam trazer o

milho para ser moído em farinha. Em criança, fora para lá muitas vezes pescar e nadar com os meus primos; foi numa exploração debaixo do moinho que fui mordido no joelho por uma serpente *cottonmouth*³ — exactamente como acontece com Joel Knox. E agora, ao abeirar-me do moinho desamparado, com as suas tábuas abauladas de madeira acinzentada, senti de novo o choque lembrado da mordidela da cobra; e também outras memórias — de Idabel, ou antes da rapariga que foi o protótipo de Idabel, e de como costumávamos chapinhar e nadar nas águas límpidas em que peixes gordos e sarapintados preguiçavam nos charcos soalheiros; Idabel estava sempre a esticar a mão para ver se apanhava um.

A excitação — uma variedade do coma criativo — possuiu-me. Ao regressar a casa, perdi-me e andei em círculos pela floresta, porque o meu espírito fazia desfilar diante de mim todo o livro. Normalmente, quando uma história vem até mim, chega-me, ou parece-me que chega, *in toto* — um longo e ininterrupto rasgo de relâmpago que obscurece o mundo tangível, alegadamente real, e apenas deixa iluminada essa paisagem pseudo-imaginária subitamente entrevista, um território animado de figuras, vozes, quartos, ambientes, estações do ano. E tudo isso, quando nasce, assemelha-se a uma cria de tigre raivosa e irada; é preciso amansá-la e domesticá-la. O que, evidentemente, é a principal tarefa do artista: domesticar e moldar a visão criativa em bruto.

Fazia escuro e frio quando voltei a casa, mas eu não sentia o frio por causa do fogo dentro de mim. A minha tia Lucille disse que estava preocupada comigo e ficou desiludida por eu não querer cear. Perguntou-me se eu estava doente; disse que não. «Bom, *pareces* doente. Estás branco que nem um fantasma», disse ela. Dei-lhe as boas-noites, tranquei-me no quarto, atirei o manuscrito de *Summer Crossing* para uma gaveta no fundo da escrivaninha, reuni vários lápis afiados e uma resma nova de papel amarelo pautado, meti-me na cama completamente vestido e, com um optimismo patético, escre-

³ Trata-se de uma serpente venenosa que habita os pântanos do Sudeste dos Estados Unidos, chamada *cottonmouth* (boca de algodão) devido à brancura dos seus lábios e boca. (N. T.)

vi: «*Other Voices, Other Rooms* — um romance de Truman Capote.» Depois: «Para ir a Noon City, há-de o viajante arranjar-se como puder...»

É raro, mas por vezes acontece a quase todos os escritores, que a redacção de uma determinada história pareça não exigir qualquer esforço e ser ditada por uma vontade exterior; é como se fôssemos secretários a transcrever as palavras de uma voz vinda das nuvens. A dificuldade está em manter o contacto com esse ditador espectral. Deu-se o caso de a comunicação subir à noite, como é sabido que sucede às febres depois do sol-posto. Por isso, adoptei o hábito de escrever toda a noite e dormir todo o dia, uma rotina que perturbava as pessoas lá de casa e provocava um eterno comentário reprovador: «Mas tu andas com a tua vida toda de pantanas. Estás a dar cabo da saúde.» Foi por isso que na Primavera desse ano agradei aos meus exasperados parentes a sua generosidade, a sua imensa paciência, e comprei um bilhete de Greyhound para Nova Orleães.

Aí aluguei um quarto no apartamento superlotado de uma família crioula que vivia no bairro francês na Royal Street. Era um quarto pequeno e quente, quase completamente ocupado por uma cama de ferro, e era tão barulhento como uma siderurgia. Os eléctricos chocalhavam debaixo da janela, e o arraial dos turistas de visita ao bairro, as ruidosas rixas dos soldados e marinheiros regados de *whisky*, faziam daquilo um autêntico pandemónio. Mesmo assim, mantendo-me fiel ao meu horário nocturno, fiz bastantes progressos; lá para finais do Outono o livro já ia a meio.

Não precisava de ter estado tão sozinho como estive. Nova Orleães é a minha terra natal e eu tinha lá muitos amigos mas, uma vez que não desejava esse mundo familiar e preferia continuar fechado no universo por mim criado — Zoo, Jesus Fever e Hotel Cloud — não visitei nenhum dos meus conhecidos. A minha única companhia era a família crioula, que eram pessoas simpáticas da classe operária (o pai era estivador e a mãe costureira), ou os merceeiros e os frequentadores de cafés que ia encontrando. Estranhamente, já que Nova Orleães não é uma grande cidade, nunca vi uma alma que conhecesse. A não ser, por acidente, o meu pai. O que foi irónico, visto que, ainda que na altura não tivesse consciência disso, o tema